

A TEMATIZAÇÃO DA ESCOLA E DA LITERATURA NA ESCOLA EM A 8ª SÉRIE C

Célia Regina Delácio Fernandes
UNICAMP/FAPESP

Considerada um *best-seller* da literatura juvenil, *A 8ª Série C*, de Odette de Barros Mott, publicada em 1976 pela editora Brasiliense na coleção “Jovens do Mundo Todo”, sugerida inicialmente a partir da 8ª série, registra a venda de 200 mil exemplares em 1987.

Segundo Nelly Novaes Coelho, a partir de 1985, o livro começa a ser reeditado na série “Odette de Barros Mott” pela editora Atual¹ que, para torná-lo mais atraente aos jovens, altera a capa e inclui algumas ilustrações. O texto, apesar de revisado em alguns aspectos gramaticais e atualizado em relação ao uso de algumas gírias, não apresenta modificações substanciais no conteúdo.

A narrativa, composta de vinte capítulos sem subtítulos, trata de vários conflitos de adolescentes a partir de fragmentos do cotidiano de um grupo de estudantes que frequenta a 8ª série C: relacionamento entre pais e filhos, paixões, frustrações, incertezas e questionamentos. A temática principal, que permeia toda a obra, reside no conflito de gerações. O texto mostra a mudança de comportamento e de valores na juventude dos anos 70, que questiona valores tradicionais das instituições familiar e escolar. A ruptura com esses valores, porém, não ocorre. Alicerçada nos valores da contemporaneidade e em um novo conceito sobre a juventude, a obra, reforçando a vocação pedagógica do gênero, ensina a convivência harmoniosa entre adultos e jovens através do diálogo franco e aberto. Nesse sentido, pode ser vista como um eficaz manual de auto-ajuda para os adolescentes em crise e também para os “incompreensivos e

¹ . COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX*. 4ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995. p. 882.

incompreendidos” pais e professores que buscam solucionar problemas de relacionamento com essa faixa etária. Talvez seja esse um dos motivos pelos quais essa obra continue a circular nas escolas após quase três décadas de sua publicação.

Narrada em terceira pessoa, a obra apresenta algumas variações de foco para a primeira, através de pequenos monólogos interiores, que deixam as personagens revelarem-se por si mesmas. O discurso indireto também é utilizado para exprimir os pensamentos das personagens com a mediação do narrador. No texto predomina o discurso direto e quase tudo que o leitor fica sabendo dos acontecimentos vêm diretamente do diálogo entre as personagens. A linguagem coloquial e a gíria utilizadas pelas personagens e pelo narrador procuram imitar o novo modo de ser, de pensar e de agir do jovem dos anos 70, além de acompanharem o ritmo acelerado dos acontecimentos, aproximando o leitor jovem desse universo narrativo.

A proposta da autora, explícita na apresentação da série “Odette de Barros Mott”, é escrever livros juvenis que retratem os diversos problemas da realidade brasileira contemporânea vivenciados pelos jovens, procurando alcançar o interesse de seu público:

Então comecei a pensar e pensei muito. Até parei algum tempo de escrever, e foi assim que me propus a somente criar obras que dessem margem a discussões; que ajudassem a derrubar as barreiras que separam jovem e adulto; que provocassem o diálogo; que abrissem novos horizontes.

A crítica reconhece o pioneirismo da autora em mostrar “crises e problemas da sociedade contemporânea”² a partir da publicação de *Justino, o retirante* em 1970, um importante marco do chamado “Realismo da literatura infantil brasileira”, sendo considerada a responsável pela renovação temática do gênero:

Sempre atenta à realidade à sua volta, Odette de Barros Mott inicia, nos anos 70, uma série de novelas ou romances urbanos, onde questiona temas até então considerados tabus em literatura para adolescentes: drogas, homossexualismo, racismo, choque entre gerações, conflitos sociais etc.³

A temática escolar, objeto de estudo deste trabalho, entretanto, aparece ainda de uma maneira idealizada e otimista através das várias representações em obras que evidenciam a crença da autora na escola como meio de ascensão social: em *Justino, o retirante* (1970) a conquista de uma vida melhor para o nordestino é obtida através da oportunidade de estudar e de trabalhar; em *A Rosa dos ventos* (1972) o empenho nos estudos de Marta e Maria José possibilita-lhes o progresso econômico; em *E agora?* (1974) Camila, diferente de suas irmãs, muda seu *status* social a partir da convivência com uma professora, conseguindo prosseguir nos estudos e se formar no magistério e em *Esta terra é nossa* (1982), a professora Veridiana transforma a vida de uma comunidade rural através da utilização da escola na conscientização do povo.

Se todas essas obras têm em comum a luta de personagens pobres para vencer a marginalização por meio dos estudos, o mesmo não acontece com *A 8ª série C*, que encena o mundo dos jovens privilegiados, onde não há dificuldades materiais, mas ainda falta compreender

² . LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 3ª.ed. São Paulo: Ática, 1987. p. 126.

³ . COELHO, Nelly Novaes. *Op. Cit.*, p. 885.

a importância do estudo e saber valorizá-lo. Nesse sentido, essa obra investe na conscientização do jovem para assumir sua parte na transformação do mundo.

Em *A 8ª série C* a escola é mostrada como um dos lugares de vivência de um grupo de adolescentes. Não há nenhuma descrição do lugar. No transcorrer da narrativa, pode-se perceber que a escola está situada na cidade de São Paulo e que o ano letivo em que se desenvolvem os acontecimentos é 1974. É possível deduzir que se trata de uma escola particular porque quase todos os alunos da turma – com exceção de Márcia, que é sobrinha da professora de Português – pertencem à classe favorecida.

O espaço escolar é muito relevante no texto porque funciona como desencadeador de ações: a formação de turmas, a criação e a montagem de uma peça teatral, a descoberta do primeiro amor, o contato com bons e maus elementos, etc. É enfocado como um ponto de encontro onde os estudantes da 8ª série C trocam idéias sobre seus conflitos, expostos através do diálogo entre as personagens. Os diálogos acontecem principalmente no intervalo das aulas (no pátio, no bar defronte ao ginásio), mas também no caminho de volta para casa, nas casas onde se reúnem para estudar em grupo ou para conversar com os pais.

A narrativa começa com o início das aulas e o reencontro da turma conversando sobre as férias. Na conversa é possível perceber, apesar das reclamações, o gosto pelo lugar: “- *A gente fala mal da escola, dos professores mas a gente fala por falar, mas que é gostoso estar aqui, é. Sinto falta da nossa turminha nas férias.*”⁴ O sinal da campainha chamando para as aulas é motivo de aborrecimentos por interromper o papo, no entanto, há também a voz daqueles que defendem o estudo: “- *Escutem aqui, por que vocês vêm na escola se não querem estudar? Mal a campainha dá o sinal já reclama (sic) da pobre.*” (p.10)

⁴ . MOTT, Odette de Barros. *A 8ª Série C*. 22ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 8. Ao longo do texto, a numeração das páginas é indicada imediatamente após a citação.

A escola faz parte dos conflitos dos adolescentes que, muitas vezes, preferindo os prazeres sensoriais à abstração dos estudos, acabam tirando notas baixas. Os problemas de âmbito familiar estão intimamente relacionados com a escola porque, quando o desempenho do aluno é insatisfatório, isso acaba gerando desequilíbrio com os pais. Destacam-se nesse caso, principalmente, os alunos Gabriela (Gaby) e Júlio, que não encontram motivação no estudo:

Lá fora o dia se esparrama em doçuras, o Sol impera, quanta matéria sem graça, quanta! Poxa, será que o tal Secretário da Educação, o Ministro, nem sabem o que, não dá um jeito nisso? Estudar num dia assim... isso é que...deve ser pecado, é isso. (p.47)

Ainda no ponto de vista da aluna Gabriela, manifestado através do discurso indireto livre, a escola poderia ser agradável se houvesse professores mais simpáticos, pois a maioria dos professores não tem esse perfil e precisaria ser trocada. A impossibilidade de realização de seu desejo, no entanto, demonstra que outros alunos têm opiniões diferentes sobre esses professores:

Como estudar numa escola de gente assim escolhida um a um como candidatos a prêmio de antipatia? A classe estava disposta a pedir que mudassem os professores se não fossem uns tantos que não combinavam. Uns puxa, isso sim. (p.84)

O narrador, utilizando o discurso indireto, revela as críticas do aluno Júlio à escola, comparando-a com a de Summerhill, fundada em 1927, que aboliu os exames e a obrigatoriedade de se assistir às aulas:

(...) É isso, o tempo está ótimo para a piscina. Mas, foi o excesso de piscina que o levou a tirar notas tão baixas na escola, escola atrasada que ainda dá nota. Se

fosse aquela da Inglaterra, uma tal de Summerhill, onde estuda quem quer, aqui no Brasil tudo atrasado mesmo! Nota, já era. (p.53)

Além do sistema de notas, Júlio questiona a utilidade da escola no capítulo VIII, quando os alunos estão comentando a respeito da mensagem do livro recomendado para leitura pela professora de Português. Ao contrário daqueles que acham que é necessário estudar para ser alguém na vida, Júlio discorda dessa idéia, mostrando que o próprio pai se tornou alguém sem a escola:

- O que você pretende ser na vida? Sem estudos a gente fica burro, né?
- É, assim fala o velho, mas eu descobri o boletim dele, sabe? E as notas eram pra baixo, assim!
- Boletim?
- Sim, não era caderneta não, na pré-história, boletim, um cartão dobrado no meio com as notas. Com comportamento 5 – sofrível. Notas 5,4... o velho não era o herói como ele pinta o quadro, não! Pinta brava, isso sim. E sabe, agora ele é uma enciclopédia, tudo o que eu pergunto o cara sabe, até datas. Tudinho. Não sei como ele conseguiu tanta sabedoria.
- Eu tou sempre dizendo, ninguém acredita, na escola a gente não aprende nada.
- Então onde aprende? Conta.
- Com a vida. (p.68)

Ainda nesse capítulo, há referências a uma nova prática de leitura interdisciplinar dentro da escola, que não parece ser bem-vinda para alguns alunos devido à cobrança de nota. No entanto, o argumento favorável ao estudo é o que prevalece no fim do diálogo:

- Ele (o professor) disse que quem ler o tal livro recomendado pela professora de Português da 8ª “C” ganha nota em Moral e Cívica. Sabe, agora tudo é em conjunto, a gente sai de um, cai no outro, não tem escapatória, não!
- Poxa, toda reforma que fazem na escola é azar pra cima da gente; eu tenho a impressão de que o ministro da Educação, os diretores, sei lá, todo mundo que lida com os estudos não gosta dos estudantes.
- Deixa pra lá essa, bicho, o plá é a gente estudar. Quem estuda, aprende, quem aprende, sabe, quem sabe... (p.69)

A prática de adoção de livros juvenis na escola é tematizada na narrativa, estreitando ainda mais os históricos vínculos entre o gênero e a instituição escolar. É fundamental constatar que o livro adotado nessa escola para as oitavas séries é *Justino, o retirante* da própria autora que, no final, será convidada para um bate-papo com os alunos, tornando-se personagem criada por si mesma. A autora promove a utilização escolar de seu livro no interior da narrativa, embora seu nome não seja mencionado.

Se, em um primeiro momento, são mimetizadas as reclamações e a má vontade nas vozes de alguns alunos sobre a atividade proposta, no final da narrativa, depois de encerrado o evento, os alunos discutem e percebem o quanto eles aprenderam. Na fala de um aluno, coloca-se a necessidade de a escola promover mais atividades desse tipo:

- O assunto é bacana, interessante, vocês não acham que na escola era preciso que a gente tivesse mais aulas assim? Meu pai outro dia disse – ele é diretor de ginásio – que nós precisamos muito de aprender a viver, que viver é natural, a gente aprende vivendo mas que nós deveríamos ter mais informações sobre outros assuntos, daí a gente ia viver melhor.
- Que outros assuntos?
- Não é História nem Geografia, não, ele falava, assim, de relação humana.
- Que matéria é essa? Dá em que série?
- Em nenhuma. É um papo igual ao da escritora. Eu gosto, prestei atenção no que ela disse. (p.163)

A iniciativa da escola é bem-sucedida porque os alunos, de acordo com o narrador, ouvem interessados a palestra: “*A turma escuta atenta, de quando em vez há um comentário baixinho no ouvido do vizinho. O assunto é interessante*” (p.161). Depois, os alunos refletem sobre o que foi dito, relacionando esses ensinamentos com suas vivências.

A adoção de uma determinada obra juvenil, seguida da visita da autora à escola, como a representada nesse texto literário – atualmente é um dos recursos amplamente utilizados nas escolas para fomentar a prática de leitura – tornou-se parte de uma estratégia editorial que visa a estimular o consumo do gênero:

Outro indício sugestivo da renovação da aliança literatura infantil-escola é a efetiva mobilização dos escritores para crianças: quase todos participam de campanhas e eventos comprometidos com a difusão da leitura, comparecendo maciçamente a congressos, simpósios e seminários e, principalmente, visitando amiúde escolas onde, discutindo seus livros, incentivam seu consumo⁵

Essa estratégia é, então, internalizada em *A 8ª série C*, que estabelece um diálogo entre autora e leitores, promovendo a divulgação de outra obra, no qual a escola é a mediadora. Percebe-se também o tipo de prática de leitura efetuada na escola dos anos 70 que, com algumas modificações, se mantém até hoje: além da leitura obrigatória de uma obra juvenil “adequada” para a série em questão, escolhida pelo professor, solicita-se ao aluno “*analisar, fazer ficha, responder o questionário*” (p.68).

A presença da escritora na escola é mostrada na narrativa como uma novidade interessante. A fala da personagem autora, condizente com a tese central da obra, valoriza a participação e a responsabilidade do jovem na construção de um mundo melhor:

– É preciso saber jogar em uma equipe para vivermos bem e, prestem atenção, isso é importante, não atrapalharmos a vida de ninguém! Eu quero jogar bem, fazer meu gol mas não estou só no time. É todo um time que ganha ou perde a partida. Ninguém está só, nenhum homem é uma ilha, isso todo mundo sabe porque já foi muito falado e escrito. O importante é que somos elos da corrente humana e recebendo de um lado, damos de outro. (p.161)

⁵ . LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993. p. 68.

Comparando os impasses vividos pelos jovens com um jogo de futebol, a personagem autora consegue falar diretamente aos jovens ouvintes e, especialmente, ao problemático Júlio que consegue processar seu conflito na fala da escritora: “*Júlio, junto com sua classe (sic) ouve a palestra. Palavra que está valendo a pena, parece até que a escritora adivinhou o que ele precisava ouvir*” (p.161).

A concepção de uma juventude sadia e atuante para a transformação da realidade brasileira que aparece no debate escolar também está presente em vários momentos do texto que encenam a recepção de *Justino, o retirante* na classe social favorecida:

– Sabe, no livro, a gente vê mesmo que Justino sabe disso, quase não pensa nele, ele não diz, vou ser médico pra ganhar dinheiro e comprar um carro e ficar rico. Ele fala que quer ser médico pra tratar das criancinhas, dos vermes deles, não é? (p.74)

Na leitura solitária do livro, Júlio não se identifica com a personagem Justino, mas percebe que precisa mudar de postura porque também faz parte do Brasil:

(...) Amanhã tenho aula de – olha o diário – de Ciências, de Moral e Cívica, analisar o livro... e ainda não li nem a metade. Acho que vou acabar . Tou gostando dele, que menino bacana é o Justino, esforçado, dando duro, será verdade tudo aquilo? Ou imaginação da autora? Poxa, se eu fosse o Justino também ia estudar pra ajudar a melhorar o Nordeste. Pára nesse pensamento... se eu fosse o Justino... ué, pô, eu sou brasileiro também, não sou? Então, que negócio é esse se eu fosse ele! Eu também posso ajudar, eu acho... eu acho que a gente tem obrigação. (p.81)

Mais uma vez, solidificando e renovando os laços entre literatura e escola, a obra mostra a importante contribuição educativa da literatura na formação do jovem atual. A representação da escola e da literatura na escola em *A 8ª série C* propõe um novo modelo de educação dos

adolescentes, ajustado com os comportamentos e valores da escola contemporânea, recusando o antigo modelo de formação escolar.

O livro faz a pregação de um mundo melhor, construído por jovens, aponta esse futuro para o ano 2000, século XXI. As lições morais não são dadas através das aulas, mas estão presentes nos vários diálogos, que parecem uma aula de Moral e Cívica, entabulados entre os adolescentes e seus pais, professores, escritora e colegas. Todas as situações de conflito são resolvidas da maneira mais educativa e harmoniosa possível.

A predominância do discurso direto das personagens na narrativa e a minimização do papel do narrador parecem assegurar ao leitor uma liberdade maior em relação ao texto. Embora a narrativa tenha um número grande de personagens, não há uma multiplicidade de pontos de vista. Se inicialmente os pontos de vista são divergentes e geradores de conflitos entre as gerações, no encaminhamento da resolução das intrigas as visões de mundo acabam se tornando convergentes ao apostarem na mesma idéia. Sendo assim, as personagens que rompem com a norma sofrem dramas de consciência e acabam se arrependendo, enquanto as personagens exemplares são felizes porque estão no caminho certo e apontam as saídas para os demais. As falas desses jovens são idênticas às dos pais, professores e da escritora. Os discursos convergem para defender a idéia chave do livro: os jovens devem participar junto com os mais velhos na construção de um mundo melhor. Essa obra pode ser, portanto, considerada porta voz da visão ética de mundo da ficcionista e também das mudanças e tendências educacionais de seu tempo.